

CONDIÇÕES para **CRESCER**

Compreendendo o ecossistema para o poder narrativo

Outubro 2023



Global
Narrative
Hive

Quem É A Global Narrative Hive

A Global Narrative Hive é uma nova rede cujo escopo é conectar e expandir o ecossistema global de ativistas e militantes, profissionais de comunicação, pesquisadores, artistas, jornalistas e outros que estão usando narrativas para promover suas visões de um mundo mais justo.

Com sua origem em um processo de projeto conjunto de dezoito meses envolvendo mais de 400 indivíduos de todo o mundo, trabalhamos para superar as desconexões no ecossistema de narrativas, facilitando a aprendizagem compartilhada entre atores com diferentes habilidades e conhecimentos e curando espaços para novos atores construírem conexões e experimentarem estratégias narrativas.

Esta síntese é um dos vários recursos publicados em 2023 como parte do lançamento da Hive.

Se tem interesse em aprender e fazer conosco, visite: narrativehive.org

Sobre O Autor

James Logan passou os últimos 25 anos trabalhando em diferentes setores da sociedade civil – como pesquisador, ativista, doador e consultor. Como muitos da equipe por trás deste relatório, ele trabalhou em diferentes campos, incluindo direito, tecnologia, comunicações estratégicas e artes.

Entre 2021-2023, James teve o privilégio de trabalhar com uma equipe brilhante para liderar a Narrative Network Initiative – o processo de coprojeto e imaginação do qual surgiu a Global Narrative Hive. Antes disso, foi Diretor Europeu do Fund for Global Human Rights e também trabalhou com a Open Society, a Oak Foundation, a Panic Button e a Anistia Internacional. Ele é formado em direito internacional, turco e árabe e mora no Reino Unido.

Contato: narratives@global-dialogue.org

A Global Narrative Hive está sendo incubada pela Funders Initiative for Civil Society (FICS). A FICS compartilha análises sobre os impulsionadores atuais e futuros do fechamento do espaço cívico e trabalha com financiadores para testar novas ideias que combatem as restrições e transferem recursos para movimentos que expandem o espaço cívico. A Global Narrative Hive é um ramo central de nosso trabalho para mobilizar movimentos que estão combatendo ameaças ao espaço cívico por grupos antidireitos.

A FICS está hospedada na Global Dialogue, uma instituição filantrópica sediada no Reino Unido (1122052) e sociedade limitada (05775827) em parceria com a filantropia para promover direitos, equidade e diversidade.

Este trabalho está licenciado sob Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0

VISÃO GERAL

Em 2021, um grupo de ativistas, militantes, especialistas em comunicação, pesquisadores, artistas, jornalistas, cineastas, organizadores e criativos de todo o mundo, e de diferentes movimentos, começaram uma vasta colaboração. O que uniu o grupo foi uma profunda crença na importância das narrativas para criar mudanças sistêmicas e um entendimento de que isso só pode acontecer quando os próprios movimentos detiverem o conhecimento e os recursos para usar efetivamente as estratégias narrativas e tomar medidas coletivas.

Nos últimos dois anos, mantivemos espaço para movimentos em diferentes países e partes da sociedade civil – desde ativistas de base e indivíduos até membros de ONGs e redes internacionais – bem como para os trabalhadores de narrativa e comunicação que colaboram com esses movimentos. Os participantes desses espaços iniciaram um processo de imaginação, coprojeto e cocriação em torno de uma rede que lhes permitiria expressar sua mensagem de forma mais poderosa e construir relacionamentos uns com os outros, trazer à tona e compartilhar aprendizado e colaborar.

O processo tem sido criativo, emergente, radical e experimental – um mundo de Imaginariums, Fogueiras, Happy Hours e experiências 5x5x5. Tivemos centenas de conversas com atores de todo o mundo, realizamos vários encontros e apoiamos projetos experimentais para testar as ideias que surgiram desses encontros. Em todas as etapas, fomos guiados por nossos valores, especialmente que os próprios movimentos devem liderar o desenvolvimento dessa infraestrutura.

Este relatório tenta sintetizar e compartilhar o que ouvimos e vimos ao longo deste processo. Pretende-se levantar e disseminar a análise de movimentos, ativistas e profissionais da narrativa sobre suas visões para esse

ecossistema, bem como as oportunidades e desafios que encontram para trazê-los à vida. Acreditamos que a profundidade e a amplitude do nosso processo contém informações valiosas diretamente dos atores deste ecossistema que, muitas vezes, podem ser ignoradas – particularmente aqueles dentro de movimentos e, em especial, aqueles que trabalham fora de organizações maiores da sociedade civil ou além do Norte Global. Vemos essas perspectivas como um recurso importante para qualquer pessoa que faça parte ou colabore com esse ecossistema e esperamos que ele possa ajudar a orientar suas estratégias, como fez com a nossa.

Essas perspectivas vitais dos atores são compartilhadas na segunda parte do documento, que explora as principais mensagens e ideias articuladas por diferentes agrupamentos de atores dentro do ecossistema; por exemplo, daqueles em movimentos que trabalham para mudar narrativas e daquelas organizações de infraestrutura que têm trabalhado para construir o poder dos movimentos. Para dar sentido a esses agrupamentos e ao ecossistema mais amplo, algumas definições devem primeiro ser estabelecidas, o que ocorre na primeira seção. Embora isso seja importante, ele se inclina para o conceitual e é necessariamente moldado por nossa análise. O leitor de ambas as seções será o maior beneficiário, porém, incentivamos que, a quem falte paciência, ir direto à seção dois para aprender o que o próprio ecossistema narrativo está dizendo.



ÍNDICE

Visão geral Introdução

03
05

- O que estamos tentando fazer
- Como elaboramos este relatório
- O que este relatório não é

Parte I: Categorizações e conceitos

08

Definição de “narrativas” Categorias de atores

- Atores narrativos
- Atores do movimento
- Financiadores

Parte III: O que o ecossistema narrativo está dizendo

24

Necessidades articuladas em todo o ecossistema

- Necessidades articuladas e observadas por atores narrativos
- Necessidades articuladas e observadas pelos atores do movimento
- Chamada aos financiadores

Parte II: Observações do ecossistema

20

Observações gerais

Parte IV: Mudança de financiamento

38

- Agradecimentos
- Bibliografia
-

INTRODUÇÃO

Esta seção define o objetivo pretendido deste documento e seus parâmetros.

A. O que estamos tentando fazer

Este documento pinta um quadro do ecossistema de atores¹ que estão trabalhando para construir o poder narrativo nos movimentos, bem como dos próprios movimentos. A imagem mostra diferentes agrupamentos – ou tipos de atores – dentro desse ecossistema e as relações e interconexões entre eles. A ideia é incluir atores dentro de movimentos que acreditamos estar no cerne do trabalho de narrativas, e não apenas aqueles profissionais que estão ajudando a desenvolver e disseminar narrativas. É preciso uma perspectiva de movimento interseccional: refletir a amplitude do nosso processo, bem como o apetite generalizado por colaboração entre os movimentos em torno das narrativas. Ela também procura ter uma perspectiva global, olhando para fora de qualquer país em particular.

Mais importante ainda, destaca o que os profissionais e membros dos movimentos estão dizendo sobre os contextos em que estão operando e o que precisam. Essa é uma perspectiva que acreditamos que, muitas vezes, está em falta na análise desse ecossistema.

Esse quadro é, em última análise, baseado em uma visão do que poderia ser um ecossistema saudável, justo e bem-sucedido para o trabalho de narrativas. É onde os

principais atores têm relacionamentos fortes; são capazes de alinhar seus esforços quando precisam; têm recursos para o longo prazo; e onde podem compartilhar e se beneficiar do aprendizado que estão gerando coletivamente.

Este é um ecossistema onde, nas palavras dos generosos visionários da ReFrame,

“[os movimentos] não são apenas consumidores finais de narrativa; eles são criadores essenciais e impulsionadores da mudança narrativa”².

Esperamos que este documento seja um recurso intuitivo para quem pensa sobre o poder das narrativas para apoiar a mudança social e para aqueles que estão desenvolvendo estratégias para construir narrativas poderosas. Em particular, esperamos que isso garanta que esse ecossistema – que mostrou um potencial poderoso e, no entanto, permanece tão desigual e fragmentado – tenha os recursos e as relações de que precisa para criar um mundo melhor.

Nós mesmos usamos os insights deste relatório para orientar a estratégia da Global Narrative Hive. Esses insights embasarão os esforços da Hive para fazer a ponte entre diferentes atores onde eles existem; apoiá-los para compartilhar conhecimento e criar sinergias e alianças; e permitir a integração de novos atores neste ecossistema onde ainda não estão presentes. A Global Narrative Hive vai continuar a se guiar por essa visão do ecossistema. No entanto, reconhecemos que isso exigirá trabalho de muitos atores diferentes e esperamos que esse mapeamento ajude a orientar como isso pode acontecer.

¹ “Atores” é usado para descrever quem desempenha um papel neste ecossistema – inclui indivíduos, redes, ONGs, consultorias com fins lucrativos e plataformas de notícias.

² ReFrame, “Creating an Ecosystem for Narrative Power”, Medium (17 July 2019) < <https://medium.com/@ThisisReFrame/part-1-creating-an-ecosystem-for-narrative-power188083-df5751> > [último acesso em 6 de setembro de 2023], para 39.

B. Como este relatório foi criado

Este relatório levanta os principais temas de centenas de conversas com membros de movimentos da sociedade civil e os trabalhadores de narrativa e comunicação que os apoiam, que ocorreram durante o processo de cocriação do qual surgiu a Global Narrative Hive.

A maioria dessas conversas ocorreu entre junho de 2021 e o final de 2022 – às vezes um a um e, em outros momentos, no contexto de reuniões online maiores. Essas reuniões envolveram discussões em grupos inteiros e pequenos, nas quais os participantes foram convidados a desenvolver e documentar suas conclusões sobre qual apoio e infraestrutura eles e suas comunidades precisam para construir narrativas mais fortes.

O relatório sintetiza as principais mensagens que ouvimos por meio dessas conversas. Optamos por não citar nenhum dos participantes diretamente – em parte devido às muitas pessoas envolvidas no processo, mas também em reconhecimento de que um número significativo enfrenta ameaças por causa de sua identidade e trabalho e não quer ter seus perfis levantados. A Parte I do relatório procura dar sentido ao ecossistema, com base na análise dos muitos pesquisadores e estrategistas que se comprometeram a mapear e categorizar o trabalho de narrativas. Seu trabalho é referenciado em todo o documento e agradecemos por suas informações valiosas. Ao final do documento, há um agradecimento mais amplo, especialmente para quem participou do processo de coprojeto. Esperamos que eles “se vejam” nas descobertas e encontrem valor neste relatório.

C. O que este relatório não é

O documento é apresentado ao mundo reconhecendo suas limitações. Qualquer esforço para adotar uma visão ampla intermovimento e interregional omitirá contextos e perspectivas importantes (especialmente no nível individual, quando o número de vozes chega às centenas). Nossa intenção tem sido levantar os temas e ideias que se sobressaíram de forma mais forte e coletiva.

Além disso, ele não se destina a ser um diretório ou lista abrangente dos diferentes atores. Alguns dos tipos de atores no documento são ilustrados com os nomes de organizações específicas. No entanto, a amplitude potencial de atores neste campo pode significar que tal diretório pode obscurecer conclusões mais amplas sobre o ecossistema; além disso, pode desviar a atenção das principais questões sobre os tipos de atores que não estão sendo incluídos ou não estão ativos neste ecossistema, o que, como será visto, reflete alguns desequilíbrios e desigualdades críticos no campo³.

Nosso processo foi inicialmente enraizado nos movimentos e profissionais de, ou trabalhando com, LGBTQIA+, Direitos Sexuais

e Reprodutivos e Saúde, e movimentos feministas mais amplos. Esta é a origem da maioria dos exemplos no documento⁴. A aparência do ecossistema varia de um movimento para outro – por exemplo, o setor ambiental parece ter uma representação muito mais pesada dos atores que trabalham com futuros do que outros. No entanto, as principais funções e relações que um ecossistema narrativo de sucesso requer parecem ser muito semelhantes entre os movimentos e, portanto, as categorias que foram desenvolvidas devem ser aplicadas de qualquer maneira.

Qualquer categorização corre o risco de simplificação excessiva, por vezes, e há muitos atores que se encaixam em mais de uma das categorias propostas – por exemplo, grupos que realizam várias funções. A intenção não é obter detalhes ou precisão perfeitos, mas apresentar uma visão suficiente do ecossistema e da linguagem para discussão para começarmos a identificar lacunas e áreas de necessidade.

Por fim, existem vários tipos de atores que não estão incluídos nesse mapeamento. Os primeiros são os públicos-alvo que

os movimentos aqui descritos buscam atingir ou influenciar por meio de estratégias narrativas, sejam segmentos da opinião pública ou decisores. Estes foram excluídos, pois o foco do mapeamento está na infraestrutura necessária para alcançá-los.

Em segundo lugar, sindicatos e partidos políticos não estão incluídos nesse mapeamento; no entanto, é importante reconhecer seu papel muitas vezes como geradores e vetores de narrativas dentro dos movimentos. Esse papel e suas conexões com movimentos e infraestrutura narrativa é uma área importante a ser explorada, mas, por razões práticas, está além do escopo deste relatório. Da mesma forma, o poder das marcas de disseminar narrativas é um fator crítico, mas os atores corporativos não estão incluídos nesse mapeamento. Em terceiro lugar, esse mapeamento não analisa aqueles atores que estão lançando narrativas hostis e negativas do tipo que os grupos e indivíduos desse ecossistema estão buscando transcender. Esta é uma parte crítica do “quebra-cabeça”, mas que outros (incluindo Ips e Political Research Associates, entre outros) fizeram um trabalho incrível para documentar⁵.

Com essas limitações em mente, esperamos que este documento seja de ajuda para entender esse ecossistema e na compreensão de seus pontos fortes, potencial, necessidades e desafios.

³ Tomamos a decisão de não prosseguir com isso sabendo que nossos amigos do International Resource on Impact Storytelling (IRIS) estão lançando o Narrative Directory – uma ferramenta para ajudar ativistas, inovadores cívicos, contadores de histórias independentes e outros a se localizarem. No momento da publicação, o [NarrativeDirectory.org](https://narrativedirectory.org) contém uma pequena seleção de organizações relevantes na mudança narrativa para o espaço de justiça social, e nossas duas ofertas devem ser vistas como complementares.

⁴ Além (pelas razões descritas abaixo) de movimentos que trabalham nos EUA por justiça social, racial e econômica.

⁵ Para um exemplo particularmente forte deste trabalho, recomendamos ler: Elevate Children Funders Group e o Global Philanthropy Project, “Manufacturing Moral Panic: Weaponizing Children to Undermine Gender Justice and Human Rights” (março de 2021) <<https://bettercarenet-work.org/sites/default/files/2021-04/Manufacturing-Moral-Panic-Report.pdf>> [último acesso: 6 de setembro de 2023].

01. CATEGORIZAÇÕES E CONCEITOS

A existência desta primeira seção destina-se principalmente a mapear as diferentes partes do ecossistema em torno do poder narrativo e movimentos e suas interrelações. O intuito é compreender as diferentes perspectivas compartilhadas na segunda seção e, especialmente, entender o que os diversos conjuntos de atores querem e precisam. Ao contrário da segunda seção, esta é mais conceitual e tem por base uma perspectiva externa – seu único objetivo é garantir que as perspectivas distintas dos principais atores não sejam perdidas ou confundidas.

A. Como definimos “narrativas”?

Resumo executivo: O termo “narrativas” tem interpretações específicas dentro de diferentes disciplinas e campos acadêmicos; esse mapeamento se concentra em narrativas dentro do contexto de movimentos sociais que trabalham para criar mudanças sustentáveis. Muitas pessoas envolvidas no trabalho de narrativas não o reconhecem como tal devido à falta de familiaridade com a terminologia e procuramos superar essa barreira em nosso processo de mapeamento. Por outro lado, “narrativas” tornou-se recentemente uma palavra da moda, o que faz com que, ocasionalmente e de modo impreciso, seja confundida com comunicações estratégicas.

Para a Global Narrative Hive, as narrativas são como uma coleção de histórias conectadas por um conjunto de valores comuns e uma compreensão compartilhada do mundo. Em geral, elas são contadas repetidas vezes através de diferentes vozes e canais nas sociedades, de uma forma em que, de forma lenta, porém segura, passam ser percebidas com “senso comum”. As narrativas são uma forma de “poder invisível”: elas permitem que o poder se recrie, molde quais vozes e histórias presumimos que valem a pena ser ouvidas e façam com pessoas pensem que o mundo é como deveria ser.

movimentos, que estão tentando avançar ou mudar as narrativas, está em torno dessas diferentes definições e entendimentos divergentes sobre o que é o trabalho narrativo e quem está envolvido nele. Procuramos olhar além de uma definição estreita de apenas aqueles que se descrevem como engajados no trabalho narrativo, para incluir nesse mapeamento todos os que possam ser necessários, para que os movimentos mudem a cultura e as mentalidades.

Algumas das principais questões de definição são descritas abaixo

As narrativas hegemônicas podem, assim, neutralizar as tentativas de mudar as normas que deslegitimam, marginalizam ou enfraquecem as pessoas. Por outro lado, desenvolver narrativas intencional e estrategicamente permite que os movimentos mudem o que é considerado aceitável e correto e promovam os valores e a visão que desejam ver.

Essa é a definição que usamos, mas há muitas outras maneiras de ver as narrativas e os contextos em que estão sendo implantadas. Parte do desafio em descrever o ecossistema de atores dentro dos

Diferentes campos, diferentes abordagens

Uma razão óbvia para a confusão é a disseminação do conceito de narrativas da teoria literária para outros campos, incluindo as ciências sociais. Conforme descrito por Hagström e Gustafsson, “disciplinas como ciência política, psicologia, teoria jurídica, estudos de gênero, serviço social, teoria organizacional, antropologia e sociologia médica se apropriaram silenciosamente da narrativa como conceito e teoria”⁶. Dentro de cada um desses campos, o conceito de narrativas tem seu próprio significado e é pensado com diferentes propósitos em mente.

Neste documento, concentramo-nos nas maneiras pelas quais as narrativas são usadas pelos movimentos para promover e alcançar mudanças sociais duradouras. Não nos referimos a outras disciplinas com vernáculo próprio. No entanto, vale a pena sinalizar dois campos específicos onde há uma sobreposição com o trabalho dos movimentos sociais.

O primeiro é o campo das relações internacionais e, em particular, a forma como as narrativas são discutidas e promovidas em relação à construção da paz, resolução de conflitos, justiça de transição e – mais recentemente – combate à polarização extrema nas sociedades. Há uma série de iniciativas que falam sobre as narrativas como uma ferramenta relacional – uma maneira de reunir diferentes grupos através das diferenças políticas, sociais e religiosas percebidas, desenvolvendo histórias mais inclusivas. Grupos como o Institute for Integrated Transitions ou o projeto Narrative Engagement Across Difference estão examinando a narrativa como uma estratégia para construir comunidade e relacionamentos. Isso se contrasta com os movimentos com os quais estamos conversando, que estão usando principalmente as narrativas como uma ferramenta para influenciar e mudar o público. Há, no entanto, uma indefinição entre essas abordagens, especialmente quando se trata de construir colaboração e coalizões entre os movimentos sociais. No entanto, é importante ter clareza sobre o propósito para o qual os grupos estão utilizando narrativas.

O segundo campo é na área da terapia ou prática narrativa, uma forma de aconselhamento. Novamente, há uma confusão ocasional entre as estratégias narrativas usadas pelos movimentos para gerar mudanças e essa abordagem terapêutica, especialmente quando está sendo usada em ambientes de grupo ou individualmente por ativistas para lidar com o trauma.

Amplitud y desdibujamiento:

O uso da palavra “narrativa” entre a sociedade civil é muito recente e ainda é usado principalmente dentro da sociedade civil de língua inglesa ou pelos financiadores, organizações internacionais e redes que operam no “astroturf” da sociedade civil⁶. Em algumas regiões, o uso da palavra “narrativa” é contestado e rejeitado⁷. Há também muitos atores – especialmente dentro dos movimentos de base – cujo trabalho se conecta fortemente à prática narrativa, mas que não se identificam (conscientemente ou inconscientemente) como engajados no trabalho de “narrativas”.

⁶Linus Hagström & Karl Gustafsson, “Narrative power: how storytelling shapes East Asian international politics”, Cambridge Review of International Affairs, 32:4 (2019), p. 389.

⁷Como será visto, isso tem consequências significativas, com a prática narrativa e as necessidades do campo definidas principalmente pela prática nos EUA e, em menor grau, no Reino Unido.

⁸Por exemplo, alguns movimentos na América Latina rejeitam fortemente o termo “narrativas” em vez de “discurso”.

⁹ReFrame, “Creating an Ecosystem for Narrative Power”, para. 7.

¹⁰Ruth Taylor, “Transforming Narrative Waters: Growing the practice of deep narrative change in the UK” (dezembro de 2021) <<https://ruthtaylordotorg.files.wordpress.com/2022/01/transforming-narrative-waters.pdf>> [último acesso 6 de setembro de 2023], p. 12.

Nas palavras da ativista criativa feminista Ishtar Lakhani:

“Eu não sabia que estava trabalhando com narrativas até que me disseram que estava”.

Além disso, as narrativas bem-sucedidas na mudança de atitudes exigem habilidades e o envolvimento de atores de outros movimentos que não se veem trabalhando em narrativas.

Como aponta a ReFrame, o trabalho narrativo está profundamente ligado à construção de sentido e está em “relação dinâmica com outros conceitos como enquadramento, hegemonia, meta-histórias, mito, senso comum, etc”⁹. Grupos e indivíduos que têm trabalhado dentro e ao redor dessas questões são, portanto, parte do ecossistema descrito abaixo. Isso inclui atores que trabalham em campos como mudança de cultura, despolarização, desinformação, futuros e além. O mesmo se aplica a atores que desempenham um papel no apoio a movimentos – como financiadores ou redes – para os quais o trabalho narrativo de longo prazo é essencial, mas que, muitas vezes, não se percebem conectados ao ecossistema de narrativas.

Narrativas, narrativas profundas, comunicações estratégicas, comunicações organizacionais – complementares ou distintas?

Como observado por Brett Davidson e Rashad Robinson, as narrativas se tornaram uma palavra da moda e estão sendo usadas de uma forma que corre o risco de perder significado e precisão.

Isto é especialmente verdade quando o termo é usado para descrever comunicações organizacionais ou trabalho de comunicação estratégica, e não estratégia narrativa. Ruth Taylor observa uma distinção particular no Reino Unido entre “mudança narrativa” como parte do kit de ferramentas de comunicação estratégica e trabalho de “mudança narrativa profunda”:

“[mudança narrativa] é muitas vezes equiparada à prática de comunicações estratégicas, como o enquadramento. Este trabalho é, na maioria das vezes, sobre a busca de objetivos específicos, muitas vezes de curto prazo, como mudança de política, aquisição de apoiadores ou até mesmo uma vitória eleitoral.”¹⁰

“Narrativas profundas” são aquelas que ficam abaixo desses tipos de narrativas específicas e que impulsionam nossos valores e atitudes em relação a elas. Taylor observa que essa distinção é menos comum nos EUA, citando Bridget Antoinette Evans, do Pop Culture Collaborative, ao escrever que “as comunicações estratégicas (pelas quais elaboramos mensagens para disseminação), em essência, equivalem a “espremer gotas de justiça em um oceano em grande parte composto de ideias injustas”. A mudança narrativa, por outro lado, compreende “apoiar um campo de profissionais para transformar holisticamente essas águas narrativas”¹¹. A mudança narrativa nessa definição é, portanto, semelhante ao que está sendo chamado de trabalho de “narrativa profunda” no Reino Unido.

Um relatório recente que analisa o cenário do financiamento de narrativas nos EUA observa as tensões entre comunicações estratégicas e estratégias narrativas – no entanto, apresenta a ideia de que esses campos são essenciais um para o outro. Afirma que:

“As estratégias narrativas simplesmente não vão decolar se não estiverem atentas à sala de comunicações estratégicas. As comunicações estratégicas sempre serão limitadas por sua incapacidade de mudar ou, pelo menos, contestar as ideias dominantes que moldam a sociedade.”¹²

Essa diferença de abordagem explicaria os inúmeros exemplos de novas narrativas sobre diferentes questões sendo apresentadas sem aparente consideração de questões como os públicos que querem influenciar, como esses públicos podem ser alcançados e que tipos de histórias os moverão: em outras palavras, os fundamentos das comunicações estratégicas. Por outro lado, em geral, os esforços de comunicação estratégica se concentram em vitórias de curto prazo para questões que sem conexão (ou às vezes, são opostas) com os esforços para transformar as narrativas subjacentes.

Outros especialistas – como Mónica Roa, de PUENTES – não veem as comunicações estratégicas como detentoras do monopólio das práticas estratégicas em torno de audiências, mensagens, mensageiros e canais. Nessa visão, a diferença entre o mundo

das narrativas e o mundo das comunicações estratégicas é que tem por foco a mudança de cultura, enquanto o segundo busca mudanças legais e políticas.

Essas diferentes conceitualizações de mudança narrativa destacam a importância para este campo, conforme declarado em “Narrativa de Financiamento”, de “descobrir como essas duas peças do ecossistema [comunicação estratégica e mudança narrativa] se encaixam”¹³. Onde podem ser complementares e onde podem estar em tensão umas com as outras?

Como abordamos isso:

Este mapa procura olhar além dessas questões em torno da definição para incluir (tanto quanto possível) qualquer pessoa que deva fazer parte da “transformação holística” que Bridget Antoinette Evans descreve: contadores de histórias, criadores de conteúdo, jornalistas, tecnólogos, pesquisadores, influenciadores de redes sociais.

O que importa para nós não é documentar apenas aqueles que estão conscientemente envolvidos no trabalho de narrativas “verdadeiras”, mas, sim, identificar todos os que são necessários para que este trabalho tenha êxito e para que o ecossistema seja saudável.

¹¹Ibid, p. 12.

¹²Mik Moore and Rinku Sen, “Funding Narrative Change: An Assessment and Framework by the Convergence Partnership” (setembro de 2022) <https://kresge.org/wp-content/uploads/Funding-Narrative-Change_v2.pdf> [visitado por última vez el 6 de septiembre de 2023], p. 25.

¹³Ibid, p. 25.

B. Quem são os atores desse ecossistema?

Resumo executivo: Vários grupos diversos de atores juntos compõem o ecossistema de trabalho das narrativas. Esse mapeamento os categorizou amplamente em três grupos – atores narrativos, atores do movimento e financiadores. Os atores narrativos oferecem conhecimento, conteúdo e canais que podem ser usados pelos movimentos na forma de narrativas; os atores do movimento buscam a mudança por meio da ação coletiva; os financiadores são órgãos externos que fornecem os recursos para que esse trabalho ocorra.

Com base na definição de Liz Manne:

“A estratégia narrativa é a prática de compartilhar histórias conectadas para forjar, espalhar e reforçar narrativas benéficas e combater as prejudiciais. Essas histórias devem estar alinhadas para ter um impacto cumulativo. E, para serem eficazes, devem nos levar a uma jornada de onde estamos hoje para um futuro melhor, revelando uma nova maneira como o mundo pode e deve funcionar.”¹⁴

O ecossistema descrito abaixo, portanto, inclui todos aqueles que trabalham para desenvolver e disseminar essas narrativas. No entanto, também inclui aqueles que estão apoiando movimentos para se envolver neste trabalho – por exemplo, grupos de apoio a movimentos, convocadores, redes e financiadores. Grande parte da análise no campo das narrativas que existe atualmente é sobre o que os profissionais da narrativa (particularmente nos EUA) precisam. Tem havido muito menos atenção aos esforços fundamentais e multifacetados necessários para construir o poder narrativo, para que os próprios movimentos se engajem e liderem esse trabalho. Como mencionado na introdução, esta análise se baseia em uma visão de um ecossistema saudável, justo e bem-sucedido para a mudança narrativa, no qual os

movimentos são os “criadores e impulsionadores essenciais da mudança narrativa”.¹⁵

Nossas categorias foram desenvolvidas para dar sentido às perspectivas compartilhadas na segunda seção deste documento e para ajudar a entender as diferentes necessidades e solicitações de diferentes partes do ecossistema narrativo. As categorias que estamos usando estão posicionadas em três agrupamentos abrangentes. Esta é uma distinção reconhecidamente imprecisa, dado que existem praticantes de narrativa que são, ou estão, intimamente ligados aos movimentos com os quais trabalham. Há também atores que estão desempenhando vários papéis e interagem com essas categorias – por exemplo, grupos como PUENTES, ReFrame e Komons. No entanto, essas categorias são apresentadas como uma forma de ajudar a entender as relações entre os atores em todo o ecossistema.

Atores narrativos:

Indivíduos e grupos envolvidos em trazer conhecimentos, relacionamentos e capacidades que podem (ou poderiam) ser utilizados pelos movimentos para conhecer, gerar e disseminar narrativas.

Atores do movimento:

Indivíduos, iniciativas, organizações e redes que buscam

mudanças por meio de ações coletivas. Os movimentos com os quais temos lidado estão trabalhando por direitos, liberdade, igualdade, dignidade, paz, democracia e pelo planeta.

Financiadores

Os atores que trabalham para fornecer recursos às diferentes partes do ecossistema. Alguns deles podem ser considerados como parte dos movimentos, mas foram separados, dadas as características e o papel distintos que podem desempenhar.

Essas categorias são descritas em mais detalhes abaixo.

Atores narrativos

Os atores narrativos podem ser agrupados de três maneiras diferentes:

- Papel que estão desempenhando no ecossistema (por exemplo, pesquisador, construtor de poder, consultor).
- Campo técnico em que estão trabalhando (por exemplo, se estão trabalhando em narrativas ou em campos alinhados relacionados a comunicações estratégicas, artes, cultura, despolarização e trabalho de ponte, pesquisa de oposição, futuros e além).
- Movimento ou movimentos dos quais fazem parte ou estão apoiando.

Nossa categorização se concentra na primeira abordagem – agrupar atores narrativos pelo papel que estão desempenhando no ecossistema.

Em seguida, subcategorizamos esse agrupamento em “Construtores” (aqueles que estão envolvidos na geração de conhecimento, orientação ou construção de poder de movimentos em torno de narrativas e no apoio ao desenvolvimento de atores) e “Criadores e emissores” (aqueles que estão envolvidos no apoio à disseminação dessas narrativas)¹⁶.

I. Construtores:

- Pesquisadores e analistas
- Estrategistas
- Construtores de poder e instrutores
- Convocadores e construtores de redes

II. Criadores e emissores:

- Ativistas (incluindo ativistas digitais)
- Contadores de histórias
- Criativos
- Jornalistas e plataformas de mídia

Conforme descrito mais adiante neste documento¹⁷, o papel dos atores que estão trabalhando para se conectar e traduzir em diferentes partes desse ecossistema é especialmente importante, dada a sua fragmentação – particularmente aqueles atores que operam como pontes entre movimentos e especialistas. Esses atores de ponte – ou “integradores” – estão trabalhando de diversas maneiras, mas estão profundamente conectados aos movimentos com os quais estão colaborando: traduzem a estratégia e a pesquisa de uma maneira que possa ser usada pelos movimentos; treinam e constroem poder; às vezes financiam o trabalho; e também trazem novos conhecimentos e abordagens para o campo para serem usados pelos movimentos.

Há uma descrição adicional das duas subcategorias abaixo, com exemplos extraídos do campo da prática narrativa.

I. Construtores:

Pesquisadores e analistas

grupos ou indivíduos que investigam e disseminam o aprendizado que pode ser usado para construir narrativas mais fortes e eficazes, inclusive de campos como ciência comportamental e neurociência. Como exemplos, acadêmicos como George Lakoff ou o Narrative Praxis Group, consultorias como Frameworks Institute ou ASO Communications e grupos sem fins lucrativos como MindWorks. Também inclui grupos que realizam pesquisas de opinião pública e pesquisas para entender atitudes, valores e o alcance das mensagens, como a Komons. Há uma distinção entre pesquisadores – particularmente acadêmicos – que estão produzindo conhecimento que pode não ser acessível aos movimentos, e grupos como Komons que estão envolvidos com movimentos e atuam como uma ponte entre a pesquisa e a prática.

¹⁴ Liz Manne et al, “Narrative Strategy: The Basics” (janeiro de 2022) <https://static1.squarespace.com/static/6001b70b59882814f5d98d43/t/622798c2a30582425338c3ef/1646762181816/Narrative_Strategy_The_Basics.pdf> [último acesso: 6 de setembro de 2023].

¹⁵ ReFrame, “Creating an Ecosystem for Narrative Power”, p. 4.

¹⁶ A adaptado de agrupamentos no relatório “Towards New Gravity” da Narrative Initiative com inspiração adicional de Márquez Rhyne, James Savage, Mónica Roa e Brett Davidson.

¹⁷ Consulte a página 18, na subseção “Por que essa fragmentação é importante e o papel dos “integradores”.

Estrategistas

São atores que apoiam movimentos para desenvolver estratégias e campanhas narrativas (muitas vezes a partir do conhecimento gerado pelos pesquisadores). Como exemplos, grupos como PUENTES, que (entre outras coisas) têm ajudado a desenvolver campanhas pelos direitos reprodutivos na América Latina, ou La Intersección, que ajudam a desenhar estratégias narrativas coletivas contra o discurso de ódio na Espanha com uma série de movimentos diferentes.

Outros exemplos incluem o Comms Hub, que realiza pesquisas e apoia o desenvolvimento de campanhas em vários países europeus. No setor ambiental, o Global Strategic Communications Council desempenha um papel importante em todo o mundo, dando apoio semelhante. Existem também consultorias neste espaço como a Liz Manne Strategy nos EUA ou a WiseOwl nas Filipinas.

Construtores de poder e instrutores

- São atores que equipam os movimentos com as habilidades e conhecimentos para implantar estratégias narrativas. Há uma série de abordagens neste setor que se movem através

de um espectro de intervenções de longo prazo e altamente focadas até esforços de curto prazo e mais dispersos para construir capacidade, como treinamentos e criação de kits de ferramentas. As variedades de organização são:

- Grupos como ReFrame e Common Cause Foundation que estão focados em mentoria e esforços de longo prazo para construir poder dentro de movimentos em torno de estratégias narrativas.
- Atores que trabalham para expandir o leque de apoio disponível para os setores através de programas de “formação de formadores”, como Thomas Coombes e comunicações baseadas na esperança.
- Grupos que oferecem treinamentos diretamente a ativistas e desenvolvem kits de ferramentas para eles, por exemplo, Campanhas Sogi.

No extremo mais distante desse espectro, em termos de engajamento, estão grupos como a Hive Mind Community, que oferece espaços de treinamento online para a sociedade civil, incluindo treinamento sobre como construir narrativas positivas.



Existem inúmeros atores importantes que combinam o papel de desenvolver habilidades com a realização de pesquisas e análises, como PUENTES ou os Centros de Narrativas Vencedoras, administrados pela International Planned Parenthood Federation. Tal como acontece com os pesquisadores e analistas, outra distinção fundamental aqui é entre grupos que estão alinhados e trabalhando em estreita colaboração com diferentes movimentos e treinadores que têm habilidades técnicas, mas podem não ter essa conexão, deixando de apreciar plenamente o contexto em que os movimentos estão trabalhando.

Outra constelação de atores dentro desse grupo são aqueles que oferecem treinamentos para movimentos sobre como se envolver com os tipos de “emissores” descritos abaixo ou que intermedeiam relacionamentos com eles. São exemplos grupos como a Heard Agency no Reino Unido, que reúne profissionais de mídia com membros de movimentos em torno de cujas histórias eles estão trabalhando. A Narrative Initiative dá exemplos de organizações que desempenham esse papel de ponte no setor criativo, incluindo o projeto Color of Change Hollywood e o trabalho da Doc Society com produtores de impacto.

Convocadores e construtores de redes

Há uma série de diferentes atores que procuram construir conexões entre os profissionais neste espaço, com a intenção de compartilhar conhecimento e aprender em torno de narrativas e comunicações estratégicas. Alguns deles estão focados em campos profissionais específicos (por exemplo, a Comunidade Global de Narrativas no Slack convocada por Thomas Coombes, composta principalmente por profissionais de comunicação) ou em narrativas mutáveis em um país específico (por exemplo, a Inter-Narratives Community¹⁸ que mantém espaço no Reino Unido para pessoas que trabalham na mudança narrativa) ou em um movimento específico.

Algumas delas são grandes iniciativas como a Radical Communicators Network (RadComms), que mantém espaço para comunicadores de vários movimentos nos EUA como forma de construir poder narrativo. Outros são pequenos e informais, como o grupo “Narrative Avengers”, que é convocado no WhatsApp.

II. Criativos e emissores:

Militantes

São plataformas ou organizações que trabalham para divulgar campanhas, incluindo iniciativas de campanhas online como 350.org, All Out e Avaaz. Há uma linha tênue entre as organizações de campanha dentro dos movimentos e esses tipos de plataformas, que são apoio aos movimentos no desenvolvimento e disseminação de campanhas. A maioria dessas plataformas não se veria envolvida no trabalho de mudança narrativa; no entanto, mesmo as campanhas que trabalham em campanhas de curto prazo devem pensar nas narrativas mais profundas que estão tentando promover, o que criará um contexto mais favorável para seu trabalho a longo prazo.

Criativos

Como a Narrative Initiative descreve:

“Influenciar o público de massa através da música, cinema e TV, videogames, comédia, esportes e fé é fundamental para mudar valores e mudar o discurso público. Artistas visuais, documentaristas e celebridades podem desempenhar papéis descomuns na transmissão de mensagens específicas que injetam e legitimam valores e diversidade de pensamento na cultura com amplo apelo e distribuição”¹⁹.

Este é um campo incrivelmente variado, mas uma das principais distinções é até que ponto esses atores estão envolvidos com movimentos e com as narrativas que buscam transmitir. Com frequência, as oportunidades de avançar uma narrativa por meio desses canais criativos são perdidas, pois há uma desconexão entre ativistas e criadores. É por isso que há esforços (como os descritos acima por Color of Change e Doc Society) para construir esses relacionamentos. Hackedo Cultural é um exemplo do México de uma rede que une setores criativos e militantes para imaginar e implantar novas narrativas.

¹⁸ Anteriormente conhecida como Reset Narrative Community.

¹⁹ Narrative Initiative, “Towards New Gravity: Charting a Course for the Narrative Initiative” (May 2017) <<https://narrativeinitiative.org/wp-content/uploads/2019/08/TowardNewGravity-June2017.pdf>> [último acesso: 6 de setembro de 2023], p. 7.

Periodistas y plataformas de medios

Les periodistas son obviamente un vector importante para influir en las actitudes y difundir las narrativas. Hay una serie de agentes e iniciativas en este espacio para apoyar la divulgación de noticias por parte de los movimientos y, además, para aumentar las conexiones entre los movimientos y los canales de noticias. También hay ejemplos notables de plataformas creadas por movimientos, en especial aquellas cuyas voces han estado excluidas de los medios tradicionales. Estos son grupos como LatFem, medio de comunicación feminista nativo digital surgido del movimiento Ni una menos de Argentina, que ejerce el periodismo con perspectiva feminista en toda Latinoamérica; o TransLash, que utiliza el poder del periodismo y la narrativa para presentar contenido y recursos de afirmación trans.

Personas dedicadas a la narración y embajadores:

Son personas que difunden e intensifican las narrativas, y pueden ser desde personas de alto perfil y celebridades hasta personas que trabajan dentro de sus comunidades. Como lo describe Rashad Robinson, de manera convincente:

«Necesitamos personas de carne y hueso que funcionen como nuestro principal vehículo para lograr el cambio narrativo: personas capacitadas, talentosas, motivadas y vinculadas para que divulguen eficazmente historias nuevas y persuasivas por todas sus redes y subculturas, así como los valores y modelos de pensamiento que contienen, a fin de posicionar estas ideas como “normativas” en la sociedad»²⁰.

Atores do movimento:

Essa categorização dos atores do movimento inclui organizações formais (INGOs e ONGs), bem como outras entidades, incluindo movimentos sociais e atores que operam online para mudar valores. Ao contrário dos “Construtores” descritos acima, eles não são categorizados por sua função – é nossa opinião que todos eles têm um papel vital a desempenhar no trabalho narrativo – mas se distinguem uns dos outros com base em sua estrutura e posição dentro da sociedade civil.



As subcategorias utilizadas são:

- i. ONGs
- ii. Redes
- iii. Movimentos sociais
- iv. Atores de base
- v. “Radicais livres”

Estes são descritos brevemente abaixo com exemplos extraídos principalmente dos movimentos LGBTQIA+ e Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos (SDSR). Além da região e da estrutura, outra distinção importante nesse campo é a medida em que eles estão envolvidos na prática narrativa.

I. ONGs

Inclui ONGs internacionais, nacionais e locais. Como exemplos, grupos que trabalham nas áreas de narrativas em nível internacional incluem os esforços do Ipas para documentar as estratégias dos atores antidireitos e identificar respostas.

II. Redes

Inclui redes regionais e internacionais de organizações e grupos. A Liberties.EU, a rede de organizações de liberdades civis da União Europeia, é um exemplo de uma organização que trabalha para desafiar as narrativas e criou um kit de ferramentas para os seus membros sobre como desenvolver melhores narrativas contra o autoritarismo. A ILGA-Europa também está fazendo um trabalho importante para apoiar seus membros a mobilizar e responder a táticas discursivas e outras usadas por atores antidireitos. Outros exemplos importantes de redes que trabalham na área da justiça de gênero incluem a Associação para os Direitos das Mulheres no Desenvolvimento (AWID) e a Resurj, para citar apenas alguns.



²⁰Robinson, Rashad, “Changing Our Narrative About Narrative: The Infrastructure Required for Building Narrative Power”, Other & Belonging Institute (18 de abril de 2018) <<https://belonging.berkeley.edu/changing-our-narrative-about-narrative>> [último acesso: 6 de setembro de 2023].

III. Movimentos sociais

Atuam em nível internacional e nacional, tanto online quanto fisicamente, mas não por meio de organizações formalizadas. Há muitos exemplos disso, como The Milk Tea Alliance, um movimento de protesto online composto por internautas de Hong Kong, Taiwan, Tailândia e Mianmar (Birmânia), Ni una menos que faz campanha contra a violência baseada em gênero em toda a América Latina e Black Lives Matter que se levantou contra o racismo e a desigualdade nos EUA e depois globalmente.

IV. Grupos de base

Partes de movimentos sociais, mas que operam em nível local para gerar mudanças. Incluem também grupos comunitários, operando informalmente.

V. «Radicais Livres»:

São indivíduos que operam fora da sociedade civil formal para mudar a cultura. Inclui artistas e outros criativos, mas também pessoas que trabalham online como influenciadores, capazes de envolver públicos amplos, gerar conversas e influenciar valores por meio das possibilidades da tecnologia moderna. Alguns deles se veem explicitamente como militantes, enquanto outros podem estar alinhados em termos de valores, mas se veem como narrativas mutáveis de uma maneira menos direcional.

Financiadores:

Geralmente, a maior parte do financiamento para este ecossistema vem de fundações privadas com visões orientadas para os direitos a longo prazo. Tal como acontece com o resto do ecossistema, o maior número de financiadores está baseado – e apoia o trabalho – nos EUA em torno da justiça econômica, migrantes, direitos das mulheres e LGBTQIA+. Há também uma coorte de financiadores do Reino Unido atuando para apoiar o trabalho de narrativas.

Há uma série de pontos de entrada para os financiadores neste trabalho: alguns estão apoiando campanhas individuais; outros apoiam a capacidade dentro das organizações que financiam para se envolver no trabalho de narrativas; enquanto outros

financiam o tipo de organizações de infraestrutura descritas acima para construir poder narrativo. Muitos chegam para este trabalho através da mudança cultural ou do trabalho de contar histórias ou de um interesse em comunicações estratégicas. O financiamento tende a ser focado em áreas e movimentos específicos, de maneiras que não estão alinhadas com o objetivo maior de mudar “narrativas profundas” ou narrativas mais amplas de movimento cruzado.

Exemplos notáveis de fundações privadas que trabalham internacionalmente em torno de narrativas: Ford Foundation, Unbound Philanthropy, Oak Foundation, Wellspring Philanthropic Fund, Foundation for a Just Society, Open Society Foundations (OSF) e Children’s Investment Fund Foundation (CIFF). Há também financiadores regionais como a The Asia Foundation, que investiram na capacitação de seus parceiros beneficiários para se envolverem no trabalho de narrativas. Existem fundos de base como a Iniciativa de Saúde e Direitos Sexuais da África Oriental da UHAI que também apoiaram seus parceiros da mesma forma. O Fund for Global Human Rights tem apoiado suas organizações parceiras em vários locais para experimentar o uso de narrativas por muitos anos, particularmente com o objetivo de desafiar o autoritarismo e os ataques ao ativismo.

Há uma série de colaborações de doadores cujo foco também é apoiar o trabalho de narrativas de movimentos internacionalmente. Por exemplo, na área de combate a atores antidireitos que buscam reverter os direitos LGBTQIA+ e sexuais e reprodutivos, existe o Nebula Fund: um fundo colaborativo

recém-formado que apoia movimentos que promovem a justiça de gênero e os direitos LGBTQIA+ para expandir seu poder narrativo.


Outros exemplos importantes incluem o International Resource for Impact and Storytelling (IRIS), que visa a apoiar a filantropia interessada em fortalecer a sociedade civil por meio de estratégias narrativas e narrativas de imagens em movimento. Ao trabalhar com financiadores, também está se envolvendo com a sociedade civil, proporcionando conhecimento e capacidade de convocação para grupos que trabalham nesta área.

Há o trabalho da Africa No Filter, que apoia contadores de histórias e organizações “a mudar narrativas estereotipadas da África”, investindo e combinando doações com pesquisa, construção de comunidades e advocacy. O Pop Culture Collaborative nos EUA também apoia o crescimento da cultura pop para o campo de mudança social para “transformar a paisagem narrativa na América em torno de pessoas de cor, imigrantes, refugiados, muçulmanos e povos indígenas, especialmente aqueles que são mulheres, queer, transgêneros e/ou deficientes”.

Finalmente – olhando além da filantropia – há uma série de praticantes de narrativa que apoiam a experimentação e a aplicação de pesquisas pelos membros do movimento através do uso de microdoações. São exemplos PUENTES e o New Media Advocacy Project.

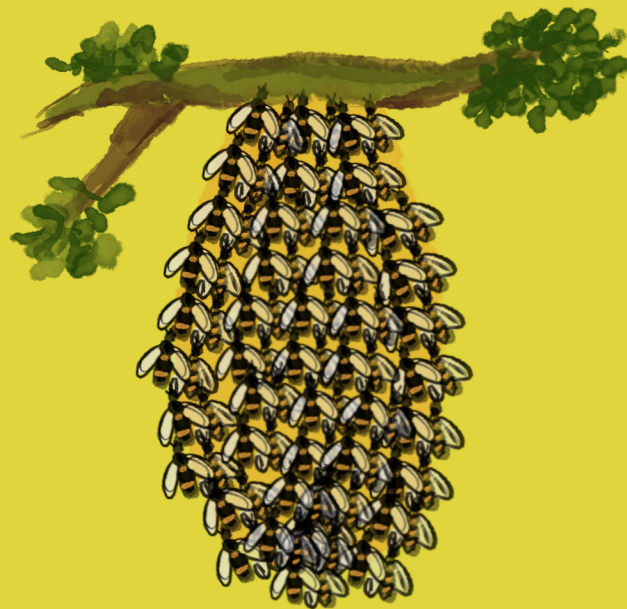


02.



OBSERVAÇÕES DO ECOSSISTEMA

Esta seção apresenta observações sobre o estado de todo o ecossistema e sobre as relações entre as diferentes partes dele.



Antes de olhar para os diferentes agrupamentos de atores e o que estão dizendo, é possível dar um passo atrás e fazer algumas observações gerais sobre o ecossistema como um todo e a qualidade das relações dentro dele. Estes são resumidos da seguinte forma:

Desigualdade entre os EUA e o resto do mundo:

Este é um campo notavelmente desigual com a massa de prática, teoria e recursos focados nos EUA. Taylor descreve que:

“em um setor cada vez mais em desenvolvimento nos EUA, inúmeras estruturas e metodologias de mudança narrativa foram incubadas, testadas e aplicadas. No entanto, o Reino Unido está aparentemente um pouco atrasado em sua compreensão e emprego da narrativa como uma pedra angular para a construção de um poder progressista.”²¹

O Reino Unido é, no entanto, relativamente vantajoso em comparação com muitas outras partes do mundo. Há claramente uma necessidade de recursos, infraestrutura e construção de poder para permitir que os atores do movimento no resto do mundo se envolvam na prática narrativa. Ao mesmo tempo, a experiência e o conhecimento que existem fora do Norte Global (mesmo que não se autodefinam como narrativas) devem ser trazidos à tona, mais bem reconhecidos e disseminados. Caso contrário, há o risco de definir a prática narrativa com base apenas no que funciona no contexto social e político dos EUA.

Além de potencialmente criar uma dinâmica colonial – onde a experiência é vista como sendo mantida no Norte Global para se espalhar para o resto do mundo – esse desequilíbrio também associa o trabalho das narrativas a um contexto particular do Norte Global, de uma forma que pode tornar os movimentos menos propensos a ver sua relevância para seu trabalho.

Desigualdade na sociedade civil:

Na medida em que a palavra “narrativa” é uma palavra da moda, ela é usada principalmente pelos “astroturfs” da sociedade civil, incluindo financiadores, ONGs e grandes organizações nacionais. Quando se trata das bases, há menos compreensão ou reconhecimento do termo, mesmo que as ideias e conceitos subjacentes sejam familiares.

Esta brecha se reflete em el peso de la actividad en torno Essa lacuna se reflete no peso da atividade em torno das narrativas. Embora seja difícil dizer que qualquer área neste campo tenha excesso de recursos, há um foco desproporcional em pesquisa e análise. Segundo um relatório recente que analisa o financiamento da mudança narrativa nos EUA, nas palavras dos entrevistados, “não há apoio suficiente para grupos de base/organização que precisam de mais para construir poder narrativo”.²² Embora existam exemplos notáveis de grupos que trabalham para construir poder nas bases (como o ReFrame), isso não tem a ver com o que é necessário. Mais uma vez, não importa a imensidão desta desigualdade nos EUA, ela parece muito maior em outras partes do mundo.

Mesmo que isso se deva totalmente a questões mais amplas em torno da diversidade e da inclusão dentro das comunidades de profissionais da narrativa, não há dúvidas de que há um vínculo. Tanto Rashad Robinson quanto Ruth Taylor destacam a falta de diversidade entre aqueles que trabalham em narrativas nos EUA e no Reino Unido, e a falta de representação das comunidades no cerne deste trabalho.

Questões de marginalização e minorização aparecem neste mapeamento, o que gera questões de como isso pode ser abordado e, particularmente, como podem ser desenvolvidas comunidades de profissionais que sejam inclusivas desde o início?

²¹ Ruth Taylor, ‘Transforming Narrative Waters’, p. 7.

²² Mik Moore and Rinku Sen, ‘Funding Narrative Change’, p. 13.

Desigualdade e desconexão entre pesquisa e prática:

O foco tem sido a pesquisa e os esforços para desenvolver narrativas, não a implementação e o trabalho necessário para permitir que os movimentos tragam essas narrativas à vida. Um entrevistado no mesmo relatório dos EUA afirma que: “As fundações estão gastando muito dinheiro e tempo em ‘entender’ intelectualmente, estratégia, pesquisa, etc., e não há tempo suficiente para experimentar e fazer narrativas”.

Para usar uma metáfora agrícola, o sistema atual tem como foco gerar e propagar sementes de conhecimento, mas com vista para o solo onde se espera que isso floresça.

Desconexão em todos os lugares:

Além de ser desigual, este sistema é também sabidamente fragmentado com silos e separação aparecendo em várias dimensões, incluindo:

- **Entre movimentos** – há uma proliferação de esforços em torno de narrativas em relação a áreas temáticas específicas, mas menos tentativas de compartilhar aprendizado, inteligência e gerar narrativas que avancem nas agendas de vários movimentos.
- **Em todas as regiões** – há um apetite real para aprender com a prática em diferentes regiões (especialmente a partir de exemplos no Sul e Leste Global, por atores que também são de lá). Por exemplo, há um enorme interesse de grupos na Ásia e na África nos modelos e aprendizados da “Onda Verde” na América do Sul, mas poucos espaços para acessá-los. Além disso, dada a maneira como os atores antidireitos estão operando transnacionalmente, é mais difícil que a inteligência sobre eles seja compartilhada ou a colaboração no desenvolvimento e implementação de estratégias contra eles.
- **Em todas as divisões linguísticas** – parte de esta desconexão entre regiones tiene que ver parte dessa desconexão entre regiões tem a ver com o desafio de

operar em diferentes idiomas. Além disso, a maioria dos recursos disponíveis nas narrativas está em inglês e, em menor grau, em espanhol. Atores que operam fora desses idiomas (especialmente em idiomas não coloniais) têm muito menos oportunidades de acessar esse conhecimento e esses recursos. Isto está ligado à maior falta de investimento na construção do poder dos movimentos de base e resulta em uma comunidade de práticas que não é informada pela prática de fora da “anglosfera”.

- **Entre pesquisa e prática** – uma das desconexões mais notáveis é o abismo entre os produtores de conhecimento (particularmente pesquisadores e acadêmicos), que têm insights que ajudariam a construir narrativas mais fortes e os movimentos que mais poderiam se beneficiar dessas informações.
- **Entre a sociedade civil formal e informal** – dada a importância dos “radicais livres” no campo das narrativas, há uma notável falta de relações entre esses indivíduos e organizações que trabalham para os mesmos fins. Esta é em grande parte uma desconexão geracional, com o primeiro tendendo a ser mais jovem e o segundo de gerações mais velhas.

Por que essa fragmentação é importante e o papel dos “integradores”

Nenhuma dessas desconexões e silos é exclusiva do espaço narrativo – há uma variedade de razões profundas pelas quais movimentos e ONGs lutam para construir ações entre movimentos. Isso tem impacto negativo no campo das narrativas de várias maneiras; por exemplo, o conhecimento e a aprendizagem que podem ser importantes ou inspiradores para diferentes atores permanecem trancados em uma parte do ecossistema sem que sejam colocados em prática.

No entanto, uma das consequências mais importantes dessa fragmentação é a maneira como ela impede que o ecossistema trabalhe em conjunto para mudar narrativas mais profundas que sustentam atitudes em uma série de questões, de – nas palavras de Bridget Antoinette Evans – buscar “transformar holisticamente essas águas narrativas”²⁴.

Também está em contraste perceptível com os atores antagonísticos que trabalham contra os movimentos descritos – por exemplo, atores antidireitos que atuam transnacionalmente e em diferentes áreas temáticas.

Dadas essas desconexões, o papel das entidades que atuam como “integradoras” e que atuam para superar essas divisões entre as comunidades é muito importante. De especial importância são aqueles que atuam para preencher a lacuna entre pesquisadores e movimentos. Um ecossistema saudável depende dessas organizações de ponte, mas não há atores suficientes.

Outra ausência que salta aos olhos no ecossistema parece estar nos atores do espaço narrativo que atuam para construir relacionamentos entre os movimentos. Existem exemplos nos EUA (como, RadComms) e esforços em outros lugares, incluindo entre os movimentos LGBTQIA+ e SRRH, respondendo aos desafios colocados pelos movimentos antigênero; por exemplo, o trabalho que está sendo apoiado pelo Nebula Fund. No entanto, um maior número dessas colaborações entre movimentos é fundamental para fortalecer as narrativas.



²³ Ibid, p. 13.

²⁴ Ruth Taylor, 'Transforming Narrative Waters', p. 12.

03.



O QUE O ECOSSISTEMA NARRATIVO ESTÁ DIZENDO:

Esta seção descreve o que as diferentes categorias de atores disseram sobre o processo de engajamento, coprojeto e imaginação da Global Narrative Hive sobre seu contexto, necessidades e prioridades no ecossistema de narrativas. Primeiro, ela apresenta observações que ocorreram em vários agrupamentos de atores, antes de analisar o feedback de cada agrupamento específico (por exemplo, atores narrativos, atores de movimento e as subcategorias dentro desses grupos).

Observando novamente o ecossistema como um todo, havia certos temas-chave articulados pelos atores ao longo das diferentes partes dele. Estes eram:

- Um desejo poderoso de encontrar maneiras de trabalhar em narrativas em diferentes movimentos, em outras palavras, para “construir uma causa comum”. Isso foi motivado por uma sensação de que os movimentos estavam experimentando ataques da mesma fonte, sendo desafiados pelas mesmas questões sistêmicas, tinham uma ampla visão de mundo compartilhada ou porque viam essa abordagem colaborativa como necessária para avançar uma narrativa mais profunda.
- Uma necessidade de trazer as pessoas para uma comunidade e facilitar o espaço, o tempo e a cura para ajudar a construir relacionamentos entre aqueles dentro da comunidade e aqueles que procuram apoiar a comunidade externamente. Isso foi visto como fundamental para que a construção da causa comum acontecesse com sucesso. Esse tipo de processo e foco na comunidade também foi visto como importante para permitir a troca de aprendizado e experiência de maneira significativa, evitando um modo “colonizador” de capacitação.
- Um forte interesse no papel dos futuros, bem como no plantio de “sementes” narrativas que poderiam ser colhidas no futuro, à maneira dos atores antidireitos que as empregam de forma eficiente.
- Houve um reconhecimento generalizado de que os movimentos estavam tendo que reagir defensivamente às crises com estratégias de curto prazo e que isso precisava ser equilibrado com a construção de visões de longo prazo.²⁵
- Em conjunto, havia um interesse e desejo de explorar e, potencialmente, adotar novas ferramentas, novas plataformas e novas táticas. Por parte dos profissionais da narrativa, há um desejo de permanecer conectado à vanguarda da pesquisa e ter a capacidade de explorar novas oportunidades de influência à medida que surgem. Do lado do movimento, havia uma sensação de que eles estavam

constantemente tendo que se igualar, que os antagonistas eram mais rápidos para testar e depois adotar o potencial de novas ferramentas e plataformas e depois colher os benefícios de ser um dos primeiros a adotar. Houve o reconhecimento de que militantes e atores mais jovens que operam fora da sociedade civil formal eram mais capazes de fazer isso, mas que as desconexões entre eles e o resto dos movimentos da sociedade civil (como descrito acima) limitavam a aprendizagem e a inovação mais amplas.

- Um desejo de melhor medição e evidência sobre narrativas, particularmente para poder mostrar “o que funciona”. Isso foi identificado por aqueles do lado do “Edifício” como necessário para ajudar a melhorar as práticas em que se envolvem e recomendam e para aprender quais abordagens devem ser priorizadas em diferentes contextos. Essas evidências também foram vistas como uma maneira de “defender” estratégias narrativas, mostrando que poderiam ser mais eficazes do que as formas tradicionais de comunicação. Do lado do movimento, houve um interesse particular nesse monitoramento aprimorado como forma de ajudar lidar com os desacordos entre quem procura mobilizar sua base e quem procura construir um apoio público mais amplo de fora de sua base.

Finalmente, há reconhecimento em todo o ecossistema dos desafios na construção do poder dos movimentos para liderar o trabalho de narrativas. Muitos atores que trabalham para construir poder têm experiência em adaptar suas metodologias com base em ver o treinamento fracassar na primeira tentativa. Um exemplo comum citado é a participação de indivíduos de movimentos em treinamentos, mas que não conseguem colocar isso em prática, muitas vezes porque seu grupo mais amplo ou sua liderança não viram o valor das narrativas. Esses atores posteriormente se adaptaram e inovaram em seus modelos; por exemplo, priorizando modelos de acompanhamento e orientação e garantindo o engajamento entre as organizações, especialmente com a liderança. Há apetite para explorar e aprender uns com os outros sobre novas metodologias e táticas para construir poder.

²⁵ Os aspectos positivos do envolvimento em práticas de visão ou futuros em torno de narrativas são endossados por uma recente revisão da literatura pela iniciativa Narrative Engagement Across Difference, que afirma que: “O pensamento utópico de longo prazo aumenta a intenção das pessoas de participar de ações coletivas e incentiva o pensamento cognitivo de nível superior. Além disso, o enquadramento positivo das mensagens (histórias positivas sobre o futuro) muitas vezes pode expandir a categoria de “nós”, alterando os limites do grupo e tornando o “nós” mais inclusivo... esta é uma estratégia muito poderosa para o desenvolvimento de relações colaborativas, pois constitui ou cria o conhecimento relacional necessário para fazer as coisas com os outros”. Ver: Dra. Sara Cobb, Dra. Hale Sultanli, Dra. Alison Castel, “Collaborating Across Difference to Reduce Authoritarianism: A Literature Review” (março de 2023) The Horizons Project, <<https://3k7b01.a2cdn1.secureserver.net/wp-content/uploads/2023/03/Collaborating-Across-Differences-to-Reduce-Authoritarianism.pdf>>, p. 36 [último acesso: 6 de setembro de 2023].

Além disso, percebe-se que a adoção de estratégias narrativas representa uma profunda mudança nas operações dos movimentos. Os fatores que impedem essa mudança não são apenas uma questão de conhecimento, mas também de habilidades e mentalidades no nível individual e organizacional, influenciados por fatores-chave como recursos, cultura e liderança.

O papel dos financiadores também é fundamental para permitir que as organizações:

- Experimentem e adotem novas abordagens;
- Pensem a longo prazo;
- Apoiem iniciativas narrativas que sejam de várias questões e que possam ir além de suas estreitas prioridades de financiamento programático para identificar maneiras de permitir a construção de relacionamentos e ações entre movimentos;
- Avaliem o impacto dos esforços de comunicação não apenas em métricas limitadas e de curto prazo²⁶, mas na contribuição mais ampla que eles fazem para o avanço de uma narrativa.

Tudo isso dentro de um contexto social em que muitos militantes estão sendo ameaçados e quase todos sentem que estão vivendo várias crises. Isso tem vários impactos no espaço das narrativas; por exemplo, comunidades ativistas que já são marginalizadas e discriminadas correm o risco de serem expostas a ataques online e na realidade se tornarem mais visíveis e vocais. Durante este processo, houve apelo repetido por mais apoio na forma de cuidados e segurança para quem atua para mudar as narrativas.

²⁶ Por exemplo, o número de menções que uma organização recebe nas redes sociais.

De forma mais geral,

sabe-se que os efeitos da ameaça, da crise e da precariedade nas organizações e nos indivíduos inibem a inovação e a colaboração com os outros. Ao mesmo tempo em que tentamos enfrentar essas crises, como podemos entender melhor esses fatores e conceber estratégias para construir conhecimento, avançar na prática e mudar a cultura, ao mesmo tempo em que estamos atentos a essas ameaças e criamos um projeto em torno delas? Que condições e apoio podem ser criados para permitir a aprendizagem, colaboração e experimentação nessas circunstâncias?

I. Necessidades Articuladas E Observadas Entre Atores Narrativos:

Os resultados das categorias de atores narrativos são descritos abaixo.

Entre “Construtores”:

- Havia um desejo de criar comunidades de prática mais fortes que atravessassem regiões, movimentos e geografias – com base nos exemplos de iniciativas como RadComms nos EUA e Inter-Narratives Community no Reino Unido – que ligariam as comunidades e redes existentes daqueles que atuam em narrativas.
- Isso foi particularmente articulado por aqueles que atuam como “integradores”, que operam como uma ponte entre pesquisadores, analistas e movimentos. Há um forte apetite desses grupos para encontrar um espaço que permita o compartilhamento sustentado de aprendizagem e experiência acumulada por colegas, que também poderia ser como um lugar a partir do qual a pesquisa é encomendada, e poderiam ser incentivados experimentos em torno de novas ferramentas e abordagens.

- Existem áreas específicas de investigação e interesse em torno de: maneiras de acessar pesquisas acadêmicas atualizadas e evidências de uma miríade de campos (por exemplo, neurociência) que poderiam informar estratégias mais eficazes; novas ferramentas e plataformas; e melhores metodologias para avaliar a estratégia de mudança narrativa. Foi visto como importante que o espaço facilitasse a aplicação prática da pesquisa e experimentação em torno da aprendizagem. As áreas de aprendizagem entre pares que esses “integradores” estavam interessados em explorar incluíam estratégias para promover narrativas durante as eleições e, conforme descrito em detalhes acima, metodologias sobre como construir melhor o poder nos movimentos.
- Há uma conscientização de que esta é uma comunidade restrita que reflete as limitações dentro do ecossistema da prática narrativa – por exemplo, predominantemente baseada no Norte Global e, com frequência, sem diversidade e representação das comunidades mais afetadas por narrativas negativas. Há um desejo de encontrar maneiras

de expandir essa comunidade para se tornar mais inclusiva e representativa.

- Os entrevistados deste grupo também identificaram uma lacuna no campo para mais organizações ou indivíduos que possam dar apoio a ONGs que procuram desenvolver narrativas. Estas são organizações ou indivíduos que têm habilidades técnicas, mas também têm conhecimento e/ou são dos movimentos dos quais o apoio está sendo solicitado ou comungam os mesmos valores. Vários membros desta comunidade comentaram sobre como estavam sendo abordados com mais solicitações para ajudar as organizações do que conseguiam atender e não tinham outros consultores ou conselheiros para encaminhá-los.



Entre Pesquisadores e analistas:

- De modo geral, há um grande desejo de encontrar maneiras de desbloquear a pesquisa e a análise de dentro de organizações específicas ou dentro de países específicos – há um forte sentimento de todo o ecossistema de que, no momento, esta pesquisa não viaja muito através das geografias e em movimentos onde ela poderia ser usada. Conforme descrito abaixo, a tradução destes para outros idiomas é uma solicitação importante que ajudaria a facilitar esse alcance.
- Havia também um desejo (descrito acima) de encontrar maneiras de apoiar a colocação desta pesquisa em prática. O uso de “microdoações” para permitir que a sociedade civil experimente a implementação dos resultados da pesquisa ocorreu em alguns lugares, inclusive por PUENTES e New Media Advocacy Project com suas comunidades.
- Há também o desejo de um mecanismo mais amplo ou oportunidades para a pesquisa acadêmica se conectar com os profissionais para ajudá-los a definir suas agendas de pesquisa, mas também para dar maiores exemplos e insights da prática.
- Da mesma forma, houve uma chamada para diversificar onde a pesquisa é realizada, com chamadas para que a pesquisa seja liderada por acadêmicos do Sul e do Leste Global, e não apenas por aqueles do Norte Global.



Relacionado a Criadores e emissores:

Esta é uma área para uma investigação mais aprofundada, pois suas visões específicas não foram refletidas ou abordadas de forma abrangente no processo de mapeamento. No entanto, dois temas-chave que emergiram em relação a este grupo foram:

- Um desafio geral em torno de alinhar Criadores e emissores com o ecossistema mais amplo, particularmente para garantir que as narrativas que estão usando e disseminando se alinhem com as que estão sendo aconselhadas e construídas em outros lugares. O papel de grupos como o Hackeo Cultural ou o Pop Culture Collaborative para fazer a ponte com esses atores e gerar esse alinhamento parece especialmente importante.
- A necessidade, conforme descrito anteriormente, de uma maior diversificação para incluir outros canais, como influenciadores e marcas.



II. Necessidades Articuladas E Observadas Pelos Atores Do Movimento:

Os diferentes atores do movimento nesse ecossistema podem ser mapeados ao longo de um espectro, desde aqueles que têm conhecimento, interesse, relacionamentos e outros recursos para se envolver no trabalho de narrativas, até aqueles que não os possuem e não estão atualmente envolvidos no trabalho de narrativas.

Não há correlação aqui entre tamanho ou orçamento e nível de engajamento; não é o caso de ONGs maiores, com melhores recursos ou baseadas no Norte Global estarem mais propensas a se envolver em estratégias que trabalhem com narrativas. Pelo contrário – e pelas razões descritas acima –

muitas dessas organizações maiores acham mais difícil adaptar suas táticas, pois estão mais investidas em suas metodologias tradicionais e também são, muitas vezes, impulsionadas pela necessidade de se destacarem e provarem seu impacto (particularmente para os doadores). Isso gera uma tendência de se comunicar de uma forma que se concentra na atenção da imprensa e ter sua contribuição para uma campanha claramente reconhecida.

Portanto, independentemente do tamanho, as necessidades entre os atores do movimento diferem com base em se eles já estão explorando este trabalho; estão interessados e entusiasmados em explorar estratégias narrativas, mas não detêm o conhecimento ou os meios para usá-las; ou permanecem céticos e não se deixam persuadir por estratégias narrativas. Existem visões divergentes, particularmente dos “Construtores”, sobre se vale a pena tentar mudar os atores que estão no último grupo. Dados o tamanho e o alcance de organizações e redes maiores – e como as narrativas que elas promovem inconscientemente às vezes podem competir ou até mesmo trabalhar contra as narrativas que seus movimentos mais amplos estão buscando promover – alguns sentem que não devem ser ignoradas em favor dos dois primeiros grupos.





Algumas das necessidades articuladas nos diferentes movimentos foram:

Entre ONGs e redes maiores:

- Um interesse forte e generalizado em encontrar maneiras de construir narrativas ou visões compartilhadas. Há o reconhecimento do desafio de fazer a ponte entre os movimentos, bem como a consciência de que isso precisa ser um processo lento de construção de confiança, compreensão mútua e análise compartilhada que poderia (e potencialmente não poderia) florescer em uma colaboração mais profunda.

Correr em direção ao objetivo da colaboração ou ser excessivamente diretivo sobre os resultados é percebido como algo que pode ser contraproducente. A criação de espaços abertos que reúnem atores de diferentes movimentos e a centralização dos processos de cura foi vista como uma ferramenta fundamental para alcançar esse objetivo final.

- Há um interesse significativo em futuros, não apenas como uma maneira de ir além dos métodos de comunicação de curto prazo e campanhas reativas, mas também como uma maneira de gerar conversas e pensamentos que elevam a atenção das pessoas para além das questões com as quais estão lidando imediatamente – permitindo que encontrem pontos em comum com atores de outros movimentos. A ideia de criar uma arquitetura que permita gerar tal imaginação foi mencionada repetidamente.
- Ao mesmo tempo, esses atores estão buscando maneiras de responder a desafios imediatos por meio de narrativas: para combater ou desativar as narrativas dos antagonistas ou em relação a uma crise ou oportunidade específica. Um exemplo óbvio foi em relação às narrativas sendo divulgadas por atores antidireitos. Havia inúmeras perguntas sobre que tipo de infraestrutura poderia permitir respostas a narrativas hostis que atravessam diferentes movimentos, sem serem puramente reativas, mas que, em vez disso, anteciparam e abordaram ameaças emergentes,





Para “entusiastas da narrativa”:

Para os atores – seja em grandes ONGs ou atuando nas bases – que já estão interessados ou comprometidos em usar narrativas, havia alguns temas óbvios que emergiram das conversas. Há fortes ecos com os resultados da pesquisa da ILGA-Europe com seus membros na Europa e na Ásia Central em torno de suas necessidades relacionadas às comunicações.²⁷ São eles:

- Oportunidades de acompanhamento e mentoria daqueles que são experientes no trabalho de narrativas – por exemplo, para poder acessar aqueles com conhecimento para orientação sobre o desenvolvimento e implementação de seus projetos.
- Com estreita relação, um espaço online com curadoria, seguro e protegido para compartilhar conhecimento, experiência e prática de uma forma “viva”; em outras palavras, não uma “câmara de compensação” para kits de ferramentas, guias e avaliações, mas algo onde se possa conversar e trocar ideias.
- Esse espaço online poderia satisfazer o forte apetite de aprender com outros movimentos e grupos em outras regiões que desenvolveram campanhas eficazes. O sucesso da “Onda Verde” em toda a América Latina foi de grande interesse para os entrevistados que trabalham pela justiça de gênero na Ásia e na África Subsaariana, por exemplo. Há também interesse em aprender sobre novas táticas – por exemplo, o uso da comédia para mudar as normas –, bem como aprender com os tipos de disciplinas acadêmicas identificadas pelos profissionais da narrativa (por exemplo, neurociência). Houve também um forte interesse em encontrar maneiras de envolver a Geração Z como influenciadores e multiplicadores de mensagens.
- Oportunidades de experimentar narrativas para aqueles que são novos – para “testar as águas” neste trabalho. Sabemos, a partir dos experimentos que fizeram parte do nosso processo de coprojeto e cocriação, que existem atores que atuam nas bases ou fora da sociedade civil formal que os mecanismos tradicionais de financiamento não estão alcançando e para quem essa foi uma oportunidade importante de entrar nesse campo de prática. Também foi mencionada a criação de “Labs” como outra maneira potencial de permitir essa experimentação, bem como o

apelo aos financiadores acima para dar financiamento que permita esse trabalho experimental por ativistas.

- Outro fator crítico em torno do acesso ao campo é a questão da linguagem. Conforme descrito acima, há ausência de materiais disponíveis em outros idiomas que não o inglês e, até certo ponto, o espanhol. Há dificuldades particulares para grupos e ativistas que trabalham em línguas não coloniais. Além de limitar a disseminação do conhecimento, isso tem sérias implicações para o campo em termos de quem participa da comunidade de prática e inibe o fluxo de exemplos e práticas de fora da “anglosfera” que poderiam enriquecer o campo de conhecimento em torno das narrativas.
- É importante destacar que, à medida que realizamos conversas e o processo de coprojeto, estávamos passando por um período de múltiplas crises sobrepostas – incluindo uma pandemia global, colapsos financeiros e inflação, guerras, ataques a minorias, degradação ecológica e turbulência política. Os atores do movimento – já sobrecarregados – se viram tendo que navegar pelas múltiplas demandas impostas a eles durante a pandemia. Além disso, há o desejo legítimo de financiadores e ONGs internacionais de mudar o poder e passar para modelos mais participativos de desenvolvimento de estratégia e concessão de subsídios representou outro desafio. Construir pontes e colaborar com outros movimentos é mais uma expectativa que está sendo colocada sobre seus ombros.



²⁷ ILGA-Europe, «Communicating for Change» (fevereiro de 2021) <<https://www.ilga-europe.org/report/communicating-for-change/>> [último acesso em 6 de setembro de 2023].

Nesse contexto, os atores do movimento destacaram a importância de espaços e processos que sejam energizantes e convidativos, bem como garantam que esses esforços sejam compensados e que não se espere que sejam contribuições voluntárias. Este é um desafio ao qual qualquer espaço dos tipos descritos acima deve estar atento.

- Ao longo do processo, surgiram questões mais amplas de cuidado e segurança para os trabalhadores narrativos. Muitos desses ativistas e profissionais são de comunidades que estão sob ataque e atuam em contextos em que o espaço para o ativismo é restrito. Houve um forte interesse em encontrar maneiras de garantir que possam fazer seu trabalho com segurança e de uma forma que promova o cuidado.



III. Reflexões Sobre Recursos:

Os financiadores não foram um grupo focal dentro do processo de coprojeto. Houve, no entanto, muitas sugestões dos diferentes atores da narrativa e do movimento sobre o que é necessário dos financiadores, incluindo:

- Um apelo para que os financiadores progressistas financiem genuinamente de forma progressiva: apoiar o financiamento flexível e plurianual em diversas abordagens, permitindo a experimentação e a ruptura dos silos em que operam.
- Os apelos para que os financiadores invistam seriamente em narrativas funcionam como uma estratégia para alcançar mudanças positivas, igual ao seu investimento em outras táticas, como políticas ou litígios. Em particular, há um apelo para abordar as lacunas na disponibilidade de recursos para grupos e atores além das organizações baseadas em capital e os outros “astroturf” da sociedade civil.
- Ir além do foco em pesquisa e análise (particularmente pesquisa de público) para financiar organizações de infraestrutura que construam poder e fortaleçam outros canais que permitam a distribuição de narrativas.
- Apoiar o trabalho que promova o cuidado e a segurança entre os trabalhadores da narrativa.

Finalmente, a partir das conversas com os financiadores, fica claro que há um desejo de aprender mais sobre estratégias narrativas e também de obter uma imagem mais completa do cenário das narrativas e de seus atores – incluindo grupos que atuam em nível local que os financiadores poderiam apoiar.



04. INCENTIVANDO A MUDANÇA



Juntos, os participantes desta pesquisa articularam uma visão de um ecossistema de narrativas futuras em que os atores têm fortes relacionamentos, são capazes de alinhar seus esforços, estão equipados para o longo prazo e onde podem compartilhar e se beneficiar do aprendizado que estão gerando coletivamente. É impossível prescrever chamadas à ação precisas ou universais para que haja a transição para essa visão. Cada movimento e contexto local ou nacional tem necessidades muito específicas que não podem ser totalmente refletidas dessa maneira. Além disso, e apesar dos melhores esforços para fazer justiça às conversas que tivemos, reconhecemos que nossa síntese é informada por nossa própria posição no ecossistema.

Em vez disso, procuramos identificar um conjunto de intenções-chave, com base nas necessidades levantadas repetidamente em nossas conversas, que esperamos que possam ser adotadas por todos aqueles que estão em condições de apoiar essa jornada para um ecossistema de narrativas mais justo e eficaz. Também trazemos vários exemplos que sugerem como os Construtores e Financiadores, em particular, podem contribuir para esses objetivos.

1. Elevar o poder narrativo de movimentos e profissionais, especialmente aqueles que estão desconectados, marginalizados ou não são reconhecidos por razões de raça, etnia, idade, geografia, idioma, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, casta ou classe.

Há críticas importantes que vêm surgindo nos últimos anos sobre a importância de mudar o poder dentro da sociedade civil e da filantropia – há uma necessidade de desenvolver e transformar o ecossistema para o poder narrativo da mesma maneira.

Consulte novamente as páginas 16, 18, 21 e 23

Os “Construtores” podem:

- Expandir e aprofundar os esforços para construir o poder narrativo das partes dos movimentos descritos acima, de maneiras que deixem esses movimentos em posição de eles mesmos liderarem esse trabalho no futuro. Isso inclui trabalhar de uma forma que esteja genuinamente a serviço dos movimentos, com base em modelos de acompanhamento e intercâmbio e reconhecendo capacidade de agir e contexto.
- Explorar como contribuir para a expansão dessa comunidade de construtores de poder para que ela se torne mais diversificada e inclua indivíduos das comunidades e movimentos para os quais estão trabalhando.
- Compartilhar o aprendizado uns com os outros sobre como construir esse tipo de poder narrativo liderado por pessoas.
- Junte-se Global Narratives Hive – nossa intenção é apoiar os Construtores a fazer essas mudanças, convocando espaços de movimento interseccionais para discussão e compartilhamento de conhecimento.



Os Financiadores podem:

- Apoiar a construção a longo prazo do poder narrativo nos movimentos, especialmente entre as partes dos movimentos que estão desconectadas, marginalizadas ou sub-representadas. Abordar isso de uma forma que realmente mude o poder, esteja a serviço desses movimentos e se baseie em um modelo de acompanhamento.²⁸
- Investir naqueles construtores de poder que estão trabalhando como integradores, que estão intimamente ligados aos movimentos e atuam empregando métodos de acompanhamento. Além disso, apoiar a expansão dessa comunidade para que inclua um número maior de atores mais diversos, particularmente aqueles das comunidades e regiões com as quais estão trabalhando.
- Dar aos movimentos os tipos de recursos irrestritos de que precisam para experimentar, criar e aprender fazendo, em vez de se concentrar de maneira exclusiva ou predominante na estratégia e na análise.
- Reconhecer que construir esse tipo de poder narrativo – e promover a mudança para “narrativas profundas” – é fundamental para os movimentos. Em vez de se concentrar exclusivamente em iniciativas de curto prazo que buscam combater as “crises narrativas”, os financiadores devem se comprometer a financiar o trabalho das narrativas dos movimentos a longo prazo e na escala necessária.

2. Escapar dos silos. Liberar a disseminação da aprendizagem entre diferentes comunidades de atores do ecossistema e permitir o intercâmbio entre pares para construir uma causa comum entre os movimentos.

Há um reconhecimento generalizado de que os desafios que os movimentos estão enfrentando e o mundo que estamos tentando construir estão profundamente conectados e exigem solidariedade e cooperação para acontecerem. Isso é especialmente verdadeiro quando relacionados a narrativas. Os movimentos são inspirados por ver o que os outros estão fazendo e há um profundo apetite para aprender e colaborar com quem trabalha em outras causas. Além disso, há habilidades e conhecimentos mantidos por trabalhadores de comunicação, pesquisadores, artistas e outros aliados que são de valor para os atores do movimento e essas conexões e oportunidades de aprendizagem podem ser fortalecidas.

Consulte novamente as páginas 17 – 18, 20 e 23



Os “Construtores” podem:

- Trabalhar com movimentos para documentar o trabalho narrativo em que estão envolvidos e compartilhá-lo de uma forma acessível (em termos de formato, idiomas, etc.), permitindo que as lições desse aprendizado sejam colocadas em prática por outras pessoas. A Global Narratives Hive pode apoiar a tradução no interesse da justiça linguística.
- Criar e participar de espaços e eventos que permitam a aprendizagem entre pares em movimentos e regiões, ofereçam oportunidades para a criação de sentidos coletivos e que desintermediem o fluxo de conhecimento em todo o ecossistema. Isso também é algo que a Hive visa facilitar.

Os Financiadores podem:

- Apoiar os movimentos para que tenham os recursos, tempo e liberdade para aprender com base nas prioridades de aprendizagem que identificaram para si mesmos.
- Apoiar espaços e processos abertos que permitam a criação de relações autênticas entre atores e entre movimentos – isso formaria uma base valiosa para o compartilhamento de aprendizado e colaboração. Exercícios de criação coletiva de sentido, visão e imaginação são formas importantes de gerar compreensão compartilhada e, também, de criar narrativas futuras em torno das quais diferentes movimentos podem se aglutinar.
- Oferecer espaços para o compartilhamento de aprendizagem entre pares.
- Apoie processos e espaços que permitam que a aprendizagem seja comunicada em diferentes domínios. Isso inclui o investimento na tradução para diferentes idiomas, mas também no trabalho de “ponte”, para que a aprendizagem produzida a partir de diferentes regiões, movimentos e campos técnicos possa ser compreendida.



²⁸ Ver Rhonda Shlangen et al, “Transformative Shifts: From Capacity to Movement Power”, American Jewish World Service (abril de 2023) <https://ajws.org/wp-content/uploads/2023/05/Transformative-Shifts_From-Capacity-to-Movement-Power_2023_EN.pdf> [último acesso: 8 de setembro de 2023].

²⁹ Algumas das maneiras de fazer isso são sugeridas por IRIS no artigo: Brett Davidson, “Blurring the Boundaries”, IRIS (2 de fevereiro de 2023) <<https://storyforimpact.io/blog/new-thinking-narrative-change>> [último acesso: 8 de setembro de 2023].



3. Reconhecer o contexto desafiador que os movimentos estão enfrentando e fornecer o apoio e as condições necessárias para permitir a construção de relacionamentos, o aprendizado, a adoção de novas abordagens e o engajamento na construção de narrativas de longo prazo.

É essencial que os movimentos não sejam apenas capazes de se envolver em trabalho de “contra-ataque” defensivo, mas também de se envolver proativamente em uma estratégia mais ampla. O apoio necessário inclui oportunidades para curar, imaginar, experimentar, colaborar e, especialmente, os recursos para fazê-lo.

Consulte novamente as páginas 18, 22 e 23.

Os “Construtores” podem:

- Criar processos e espaços abertos, informados pelo contexto dos movimentos e que centralizem a cura e a construção de relacionamentos.

Os Financiadores podem:

- Mais uma vez, adotar uma abordagem de longo prazo e generosa que esteja a serviço dos movimentos.
- Centrar a cura e o cuidado no trabalho que estão apoiando e reconhecer o valor dos espaços abertos e retiros que permitem a aprendizagem e a construção de relacionamentos.
- Fornecer recursos e compensações para facilitar isso para que os movimentos possam se engajar nesse trabalho de uma forma que não seja mais um ônus ao que lhes é exigido.

A Global Narratives Hive será guiada pelas descobertas deste relatório e busca apoiar os atores dentro do ecossistema de narrativas a trabalhar de forma colaborativa e sustentável para essas mudanças. Gostamos de ter novos membros na Hive e queremos saber o que você pensa.

AGRADECIMENTOS

Os insights deste documento foram criados por um elenco de várias centenas e, por que não milhares de ideias. Tentamos sintetizar e destilar neste documento o que ouvimos de todos que fizeram parte do processo. Isso inclui os membros de grupos de base, ONGs nacionais e internacionais, especialistas técnicos e pesquisadores, criativos e artistas, jornalistas e trabalhadores da mídia, cineastas, profissionais de marketing e tecnólogos. Somos muito gratos pelas conversas que tivemos conosco, pela participação nas sessões de imaginação e coprojeto que organizamos e pelos experimentos que muitos reuniram para testar suas ideias.

Essas atividades ocorreram durante um período de extraordinário desafio, onde demandas enormes e insustentáveis têm sido impostas a estes movimentos. Somos incrivelmente gratos a todos que puderam comparecer a esses eventos e conversas, apesar disso, e esperamos que cada um possa se ver na imagem que apresentamos. Mais importante ainda, esperamos que todos vejam valor na rede que está sendo construída.

Embora não seja possível listar cada uma das muitas pessoas que fizeram parte do processo, gostaríamos de destacar alguns parceiros-chave que foram essenciais na elaboração deste trabalho com ideias e contribuições para este mapeamento.

Somos especialmente gratos ao Connective – o grupo atencioso e criativo de indivíduos de todo o mundo que ajudou a orientar esse processo e garantiu que o desenvolvimento da Global Narrative Hive estivesse enraizado nas necessidades e perspectivas de seus vários movimentos.

Também gostaríamos de agradecer profundamente aos membros de nossa equipe que criaram os espaços corajosos, visionários,

inclusivos, generativos e divertidos em que as perspectivas foram compartilhadas e as ideias, geradas. Agradecemos a Fenya Fischler, Kwem Kimtai, Ishtar Lakhani, Krizna Gomez e Otieno Odongo. Em todas as etapas, vocês buscaram romper com as tradições experimentadas de organização que existem neste espaço e demonstraram o valor de novas abordagens. Queremos dar um reconhecimento especial à equipe da Funders Initiative for Civil Society, que ofereceu flexibilidade, organização e apoio para que pudéssemos realizar nossas aspirações criativas. Agradecemos muito a Poonam Joshi, Abi Knipe, Kate Campbell e Emily Barcham.

Nada disso seria possível sem o apoio de nossos financiadores – a Children’s Investment Fund Foundation, a Ford Foundation e a Oak Foundation – que depositam sua confiança em um processo inovador e aberto que centra os movimentos. Essa abertura, confiança e vontade de ouvir é muito rara em nossos setores e deve ser celebrada. Um agradecimento a eles, em especial a Abbi Knell, Medina Haeri, Matt Gould e Radha Wickremasinghe.

Por fim, gostaria de expressar gratidão a um conjunto particular de colaboradores que revisaram este documento, fizeram recomendações sobre como representar e conceituar esse ecossistema e trouxeram outras perspectivas importantes para este relatório. Obrigado a Brett Davidson, Otieno Odongo, Márquez Rhyne, Mónica Roa, Mandy Van Deven e James Savage pela sua generosidade e pela contribuição mais ampla que dão a este ecossistema. Agradeço também a Claude Graham pelos serviços editoriais e NaTakallam pela tradução.

Como indivíduos, têm sido extraordinários em sua generosidade, criatividade e bravura. Em conjunto, foram incansáveis e exemplificaram os valores de cuidado mútuo e solidariedade entre movimentos que nossa rede emergente aspira a modelar para o futuro. Embora tenhamos que manter seus nomes no escuro, dados os riscos que enfrentam por seu ativismo, queremos que nosso apreço por eles brilhe.

BIBLIOGRAFIA

Davidson, Brett, “Blurring the Boundaries”, IRIS (2 de fevereiro de 2023)

<<https://storyforimpact.io/blog/new-thinking-narrative-change>>

[último acesso: 8 de setembro de 2023]

Elevate Children Funders Group e o Global Philanthropy Project, “Manufacturing Moral Panic: Weaponizing Children to Undermine Gender Justice and Human Rights” (março de 2021)

<<https://bettercarenetwork.org/sites/default/files/2021-04/Manufacturing-Moral-Panic-Report.pdf>> [último acesso: 6 de setembro de 2023]

Hagström, Linus & Gustafsson, Karl, “Narrative power: how storytelling shapes East Asian international politics”, Cambridge Review of International Affairs, 32:4 (2019)

ILGA-Europe, “Communicating for Change” (fevereiro de 2021)

<<https://www.ilga-europe.org/report/communicating-for-change/>>

[último acesso: 6 de setembro de 2023]

International Resource for Impact and Storytelling, The Narrative Directory

<<https://narrativedirectory.org/>> [último acesso: 6 de setembro de 2023]

Moore, Mik y Sen, Rinku, «Funding Narrative Change: An Assessment and Framework by the Convergence Partnership» (setembro de 2022)

<https://kresge.org/wp-content/uploads/Funding-Narrative-Change_v2.pdf>

[último acesso: 6 de setembro de 2023]

Manne, Liz et al., «Narrative Strategy: The Basics» (enero de 2022)

<https://static1.squarespace.com/static/6001b70b59882814f5d98d43/t/622798c2a30582425338c3ef/1646762181816/Narrative_Strategy_The_Basics.pdf>

[último acesso: 6 de setembro de 2023]

Narrative Initiative, «Towards New Gravity: Charting a Course for the Narrative Initiative» (maio de 2017)

<narrativeinitiative.org/wp-content/uploads/2019/08/TowardNewGravity-June2017.pdf>

[último acesso: 6 de setembro de 2023]

ReFrame, «Creating an Ecosystem for Narrative Power», Medium (17 de julho de 2019)

<<https://medium.com/@ThisisReFrame/part-1-creating-an-ecosystem-for-narrative-power-188083df5751>>

[último acesso: 6 de setembro de 2023]

Robinson, Rashad, «Changing Our Narrative About Narrative: The Infrastructure Required for Building Narrative Power», Other & Belonging Institute (18 de abril de 2018)

<<https://belonging.berkeley.edu/changing-our-narrative-about-narrative>> [último acesso: 6 de setembro de 2023]

Shlangen, Rhonda et al., «Transformative Shifts: From Capacity to Movement Power», American Jewish World Service (abril de 2023)

<https://ajws.org/wp-content/uploads/2023/05/Transformative-Shifts_From-Capacity-to-Movement-Power_2023_EN.pdf>

[último acesso: 8 de setembro de 2023]

Taylor, Ruth, «Transforming Narrative Waters: Growing the practice of deep narrative change in the UK» (diciembre de 2021)

<<https://ruthtaylordotorg.files.wordpress.com/2022/01/transforming-narrative-waters.pdf>>

[último acesso: 6 de setembro de 2023]



Global
Narrative
Hive

| Contato: narratives@global-dialogue.org